

Pedagogia

VIOLÊNCIA E COTIDIANO ESCOLAR: UM ESTUDO SOBRE A PERCEPÇÃO DA VIOLÊNCIA PELOS DISCENTES

Por: Profa. Dra. Rosane Cristina de Oliveira¹
Cleonilda Ribeiro Gonçalves²

Resumo:

A proposta deste artigo é apresentar uma discussão sobre a questão da violência no cotidiano escolar tendo como objeto a análise da percepção que o jovem/discente possui em relação à violência, seja como vítima ou na condição de praticante do ato. As discussões aqui apresentadas são os resultados preliminares da pesquisa apresentada ao Programa de Iniciação Científica das Faculdades Integradas Simonsen, intitulada *Violência e Cotidiano Escolar: um estudo sobre a percepção da violência pelos alunos de ensino médio na zona oeste da Cidade do Rio de Janeiro*. O texto está organizado da seguinte forma: análise da bibliografia pertinente à temática da violência, impactos no cotidiano escolar e a conceituação do termo percepção; e, com o intuito de compreender como o jovem discente percebe a violência, foram pesquisados e relatos advindos de jornais, revistas com esse público-alvo, não somente no Rio de Janeiro, mas, também, em todo território nacional.

Palavras-chave: Violência, cotidiano escolar, percepção da violência

Introdução

A questão da violência, e em especial a violência urbana, é abordada em grande quantidade de artigos, livros, teses e dissertações. Dos anos 1990 em diante, esta temática passou a gerar vários estudos voltados para o cotidiano escolar (Perrenoud, 2001; Ferreira, 2013; Candau, 2002). Em geral, observa-se que as análises estão pautadas na dimensão da violência que

ocorre dentro do espaço escolar, seja promovida entre os discentes ou “agressões” direcionadas ao corpo docente, em sua maioria instituições de ensino público e situados em “áreas de risco” ou periferias.

Entretanto, a percepção da violência (criminal ou não) por parte da juventude / estudantes, provoca-nos inquietação,

¹ Doutora em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Inter-Humanitas da Universidade do Grande Rio; Professora Adjunta das Faculdades Integradas Simonsen.

² Graduanda em Pedagogia pelas Faculdades Integradas Simonsen.

justamente porque a ideia que se constrói sobre a violência depende de uma gama de fatores e visões de mundo que pertence ao indivíduo: os valores, as regras, as normas, os padrões comportamentais sob os quais um determinado sujeito está inserido pode determinar sua forma de interpretação da realidade.

Partindo desse pressuposto, a proposta deste artigo é apresentar a relação entre violência e cotidiano escolar a partir da percepção dos alunos sobre a violência que o cerca. As discussões aqui apresentadas são os resultados preliminares da pesquisa apresentada ao Programa de Iniciação Científica das Faculdades Integradas Simonsen, intitulada *Violência e Cotidiano Escolar: um estudo sobre a percepção da violência pelos alunos de ensino médio na zona oeste da Cidade do Rio de Janeiro*.

Inicialmente foram realizadas uma análise da bibliografia pertinente à temática da violência, impactos no cotidiano escolar e a conceituação do termo percepção. Em seguida, com o intuito de compreender como o jovem discente percebe a violência, foram pesquisados e categorizados relatos advindos de jornais, revistas e algumas pesquisas realizadas com esse público-alvo, não somente no Rio de Janeiro, mas, também, em todo território nacional. Devido à grande quantidade de informações midiáticas, optamos por observar àqueles cujos relatos impressos ou a notícia dirigiu-se aos discursos

de estudantes vítimas ou promotores de algum tipo de violência dentro ou nas imediações da escola.

Assim, interessa-nos compreender até que ponto os discentes interpretam a realidade da qual fazem parte a partir de sua percepção da violência e seus impactos no cotidiano escolar em que estão inseridos. Em outras palavras, é nosso objetivo observar e analisar como os alunos percebem a violência urbana e de que forma tal percepção influencia suas atitudes, valores e comportamentos no cotidiano escolar.

Portanto, a importância deste estudo justifica-se pela necessidade de discutir academicamente a dimensão da violência e seus impactos no cotidiano da juventude e, de acordo com a nossa proposta, àquela que está inserida nos espaços escolares. Como exemplo, podemos observar que os meios de comunicação de massa (jornais de grande circulação digital e impresso, a televisão, as redes sociais e demais espaços comunicativos) ao passo em que informam incessantemente sobre a violência em seus múltiplos aspectos, são amplamente utilizados pelos jovens. Resta-nos investigar se e como exercem influência na construção da percepção sobre a violência por parte dos jovens estudantes. Além disso, a proximidade com a violência (se tomarmos como critério a região em que estão situados) na localidade em que moram também é um elemento componente de olhares e elaboração

de uma ideia sobre a violência e seus impactos na vida desses jovens.

O artigo está estruturado em duas partes: na primeira parte apresentamos uma breve discussão da bibliografia sobre o tema violência e cotidiano escolar e o conceito de percepção; na segunda parte estão impressas a análise do material empírico (discursos) à luz dos conceitos e objetivos devidamente explicitados ao longo do trabalho.

Cotidiano escolar e percepção da violência: questões conceituais

Na literatura pertinente, conceituar violência não é tarefa fácil. Por este motivo, optamos por abordar esta conceituação a partir dos seguintes autores: Pierre Bourdieu (2001), Marilena Chauí (1999), Hanna Arendt (1994) e Yves Michaud (1989). Estes autores apontam a noção de violência a partir de dimensões sociológicas, antropológicas e filosóficas, e, por conseguinte nos fornece uma base importante para a compreensão da violência dentro de espaços escolares, abordados por Vera Maria Candau (2002) e Charlot (2002), entre outros.

A violência, observada como campo de violência simbólica, é identificada por Bourdieu (2001) como aquela que é imperceptível por aquele que a comete e, por vezes, pelos que são afetados direta ou indiretamente por ela, uma vez que fazem parte de um jogo de poder naturalizado. Tal poder

(simbólico), seja advindo da coerção ou da dominação, seria um dos agentes da violência simbólica. Sobre o poder, Bourdieu (2007) afirma que:

“O poder simbólico como poder de construir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, desse modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo, poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica) graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. Isto significa que o poder simbólico não reside nos «sistemas simbólicos» em forma de uma «illocutionary force» mas que se define numa relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença. O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras” (BOURDIEU, 2007, pp. 14-15).

O poder, inscrito na produção das palavras, diz respeito àquele enunciado por um sujeito, uma determinada situação cujos indivíduos envolvidos retroalimentam a crença

no que está sendo proferido (em espaços religiosos, por exemplo), e, também, na afirmação de que no espaço da dominação aquele que possui poder institucionalizado pode e deve exercer poder sobre os demais. Assim, a violência, imperceptível entre os que estão envolvidos, naturaliza-se.

Se, por um lado, para Bourdieu (2007), violência está atrelada às estruturas de poder, Hanna Arendt (1994), afirma que, embora a violência possa ser justificada e assimilada, não há condições de ser legitimada, enquanto que o poder, esse sim, é legítimo, especialmente quando institucionalizado a partir do voto (seja direto ou indireto) por parte da sociedade. Em geral, afirma Arendt (1994), podemos verificar cinco palavras que são tomadas como sinônimas: poder, vigor, violência, força e autoridade. O poder, na condição de propriedade de um grupo (e não de um indivíduo apenas), é visível enquanto estes grupos mantenham-se coeso e unido, pois, caso contrário, o poder tende a dissolver-se. O vigor, pertence ao indivíduo (ou objeto), embasado em seu caráter. A força, por vezes confundido com a violência, está atrelado à ideia de força da natureza ou circunstancial em relação às dimensões físicas ou sociais. A autoridade está vinculada ao *status*, ou seja, a posição hierárquica ocupada por uma pessoa ou mais que denota superioridade diante dos demais envolvidos – relação devidamente aceita e incontestável. E, por último, a violência, que é assimilada diferentemente dos

outros termos, pois está alicerçada na forma instrumental, “próxima do vigor, posto que os implementos da violência, como todas as outras ferramentas, são planejados e usados com o propósito de multiplicar o vigor natural até que, em seu último estágio de desenvolvimento, possam substituí-lo” (ARENDT, 1994, p. 37).

Outra definição de violência, elaborada de forma mais generalista é apresentada por Chauí (1999), baseada em aspectos físicos, psicológicos, legais, emocionais e, também, em contraposição com a ética. Para Chauí (1999, p. 3),

“Violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão e intimidação, pelo medo e o terror. A violência se opõe à ética porque trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade, como se fossem coisas, isto é, irracionais, insensíveis, mudos e inertes ou passivos.” (Chauí, 1999, p. 3)

Próximo à linha conceitual de Chauí (1999), Yves Michaud (1989), observa a violência como um fenômeno empírico, uma vez que inscreve-se na realidade social, podendo atrelar-se ao senso comum. Esta constatação, para o autor, se coloca anterior à construção do conceito teórico de violência. Isto quer dizer que a ideia de violência em uma

determinada realidade social, não necessariamente será observada como tal em outra sociedade. Portanto, para Michaud (1989),

Há violência quando, numa situação de interação um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou mais pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais. (Michaud, 1989, p. 11)

Ao depararmos com a concepção de violência dentro do espaço escolar, podemos verificar aspectos da violência simbólica, conforme apontado por Bourdieu (2007), quando há a incidência de atos punitivos (castigos diversos, *bullying*) ou elementos que dizem respeito à concepção de métodos avaliativos, relação de poder entre docentes, direção e discentes. Há também, algumas questões relacionadas à ética e violência nos espaços escolares (CHAUÍ, 1999) e as tentativas de legitimação de poder cotidianamente em escolas, utilizando como plano de fundo alguns elementos violentos (simbólicos ou não), mas não legitimados (ARENDT, 1984; MICHAUD, 1989), como o ato de colocar grades em demasia ou punição unida às ameaças, mais observável entre os alunos (brigas no interior da escola, ações de

vandalismo). Entre os estudos sobre a violência no espaço escolar, destacamos *A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão*, de Charlot (2002), que nos apresenta a seguinte definição:

A violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro lugar. A violência à escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam a violências que visam diretamente a instituição e aqueles que a representam. Essa violência contra a escola deve ser analisada junto com a violência da escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas...) (CHARLOT, 2002, p. 434 e 435).

Em consonância com Charlot (2002), Candau (2002) chama a atenção para três questões fundamentais. Em primeiro lugar violência social e escolar estão relacionadas e

possuem graus elevados de complexidade, uma vez que a escola (na condição de organização), faz parte da sociedade e, por conseguinte, reflete o caos, a ordem ou a desordem inscrita nos diversos espaços sociais. Em segundo lugar, a violência tem causas estruturais e culturais e, em terceiro lugar, a escola por si só também produz violência (seja simbólica ou não). Para Candau (2002), a violência escolar pode ser observada nas seguintes atitudes (produzidas por discentes): ameaças, agressões (verbais ou físicas), tráfico de drogas no interior da escola, a chamada “cultura da violência” (ações que denotam e geram violência, seja velada ou direta ou em decorrência da percepção equivocada ou cultural que o sujeito possui sobre violência), violência advinda do relacionamento familiar, depredações nas dependências escolares ou imediações, pichação, entre outras.

Do ponto de vista conceitual e de acordo com a proposta deste artigo, que diz respeito a discussão em torno da *percepção* da violência por parte da juventude, é importante chamar a atenção para o conceito do termo percepção na filosofia e na psicologia. Souza & Erdman (2003), elaboraram uma reflexão interessante acerca do pensamento do filósofo Maurice Merleau-Ponty, autor considerado um dos primeiros a dedicar atenção especial ao conceito de percepção.

Os termos percepção e sensação, confundidos em um primeiro momento, em

alguns estudos da área de psicologia já aparecem dissociados: sensação está atrelada à captação de estímulos, internos e externos, devidamente conduzidos de acordo com a capacidade cerebral. Entretanto, o aspecto seguinte à sensação é o ato de decodificação dos estímulos capturados pela sensação. Neste segundo momento observamos a percepção. Por outro lado, a percepção como elemento preocupante para a filosofia, de acordo com Souza & Erdman (2003), está relacionada com as seguintes dimensões: conhecimento, pensamento, reflexão, verdade, juízo, realidade, imaginário e a questão do ser. Para Assis Saes (2010),

Merleau-Ponty concebe a percepção como um acesso originário ao mundo, um conhecimento de existências pressuposto por todos os atos da consciência humana. A seus olhos, as empreitadas analíticas de algumas filosofias clássicas acabaram deixando de lado o próprio fenômeno perceptivo. Mas essa perda ocorreu porque, em vez de dar atenção à experiência perceptiva como um todo, tenderam a fazer do objeto percebido um alvo quase exclusivo. (Assis Saes, 2010, p. 2010)

Esta concepção aproxima-se da nossa perspectiva, pois a percepção dos discentes em relação à violência e seus impactos nos espaços escolares não está vinculado a todo ato da consciência humana, mas sim, um fragmento,

ou seja, uma direção que não necessariamente traduz-se na totalidade da realidade social em que o sujeito está inserido: mas, provavelmente um ponto de vista, uma determinada maneira de perceber suas atitudes e a dos outros, ou de naturalizar atitudes por percebê-las “comuns” ou “normais”.

Análise da percepção da violência por parte do discente impressos nos discursos em relação ao cotidiano escolar.

Nas últimas décadas, é notório o crescimento de casos de violência dentro do espaço escolar. Um olhar mais atento às notícias constantemente apresentadas pela mídia (televisão, internet, revistas e jornais impressos, entre outros), apontam para números cada vez maiores de agressões (velada ou não), violência sexual, depredações e, em alguns casos, seguido de morte, entre alunos, entre alunos e professores e vice-versa. Uma breve pesquisa utilizando a internet aponta com mais ênfase para notícias de casos de violência sofridos pelos professores ou entre os alunos.

Entretanto, há pouca discussão sobre o olhar do discente em relação às modalidades de violência escolar, baseada naquelas apresentadas por Candau (2002), por exemplo. Será que o jovem/aluno tem a noção exata de suas atitudes, no caso de ser ele o promotor de algum tipo de violência dentro da escola? Será que o jovem/aluno que passa por uma situação de vítima de violência dentro da escola,

entende que se trata de um ato reprovado pela sociedade? Até que ponto o jovem/aluno percebe que o que está observando, vivenciando ou promovendo é um ato de violência? Provavelmente, as respostas para estas indagações serão incompletas na medida em que não temos condições de perguntar a todos os jovens/alunos. Entretanto, é possível termos uma dimensão, ainda que breve e parcial, quando ouvimos de alguns desses jovens/alunos os seus relatos.

Neste artigo, apresentamos alguns relatos ou discursos advindos de alguns jovens/alunos coletados de reportagens diversas. Ao iniciarmos a pesquisa, em busca desses discursos e relatos, a primeira dificuldade foi a ausência de frases, trechos e narrativas ditos pelos próprios jovens/alunos ao longo da reportagem. É mais comum acharmos comentários acerca dos atos desses indivíduos do que algo proferido por eles. Esta constatação, provavelmente, revela como a mídia entende o lugar do jovem / aluno: sem perspectiva, sem voz e distante de ter condições de argumentar sobre si, os outros e os atos (violentos ou não) que praticam ou observam sendo proferidos por outros jovens.

Optamos, então, pela análise de três fatos, cujas falas dos jovens foram citadas nas reportagens. Em 2010, um caso de agressão promovido por mãe e filha contra uma professora da rede estadual de ensino foi amplamente divulgado nos veículos midiáticos

de grande circulação. O que chama a atenção neste fato foi, justamente, a ação conjunta da mãe e da aluna, motivadas pelo argumento de que a professora encaminhou a aluna, após detectar conduta inadequada em sala de aula, para a secretaria. De acordo com a reportagem:

O estudante Willian de Andrade, de 18 anos, ex-aluno da rede, contou ter presenciado vários casos em que seus colegas desacatavam professores e até chamavam para brigar fora da escola. Segundo ele, em nenhum desses casos seus colegas tinham envolvimento com o tráfico de drogas. *“Vi muita coisa, mas sempre fiquei calado, com medo de apanhar dos colegas. Já os professores os encaminhavam para a secretaria, mas depois eles voltavam a agir da mesma forma”*. [grifo nosso]³

A agressão física, seja promovida entre os alunos ou partindo dos alunos direcionada aos professores, é entendida no trecho acima como atitude comum e passível de impunidade. Além disso, ao constatar que mesmo ocorrendo momento de repreensão, o retorno às mesmas atitudes de caráter violento é comum. Ao tornar-se um modo de agir “comum” ou “naturalizado”, a tendência seria

a ausência de *percepção* por parte do jovem/aluno em relação ao juízo de valores e reflexão acerca do ato realizado. O silêncio em relação aos casos de violência também revela outra tipologia de violência: a violência simbólica. Ao não se manifestar, por medo de sofrer agressões, àquele que “testemunha” o ato identifica a ação como algo exterior a ele e coletivo, ou seja, o indivíduo sozinho e sem condições de enfrentar grupos maiores, ou passa a fazer parte do grupo ou distancia-se. Isto ocorre porque, na maioria dos casos de violência entre os jovens, a coerção da maioria consegue certa adesão dos sujeitos.⁴

Outra questão que perpassa pela análise da violência nos espaços escolares diz respeito às relações de gênero e, mais frequentemente àquelas que inserem-se nos estudos sobre masculinidade. Entre as inúmeras reflexões sobre violência e masculinidade, um estudo interessante foi elaborado por Sócrates Nolasco, intitulado *Marc Lépine: violência e masculinidade no contemporâneo*. Neste artigo, Nolasco (2003), analisou à luz das discussões sobre as relações entre masculinidade e violência nas culturas contemporâneas ocidentais, um crime ocorrido no dia 6 de dezembro de 1989, na Escola de Engenharia de Montreal (Canadá).⁵ De acordo

³ A reportagem completa está no endereço eletrônico: <http://educacao.uol.com.br/noticias/2010/05/03/mae-de-aluno-ajuda-filho-a-bater-na-professora-leia-relatos-sobre-violencia-escolar.htm>.

⁴ Neste caso, é interessante chamar a atenção para os estudos desenvolvidos por Emile Durkheim, especialmente em *As Regras do Método Sociológico*,

destacando que para este teórico, o indivíduo diante da coletividade não tem voz ou poder, pois sofre coerção e, por conseguinte, aceita ou resigna-se em relação à vontade da coletividade.

⁵ Marc Lépine, de 26 anos, assassinou 14 mulheres e deixou várias pessoas feridas. A motivação para o ato não foi devidamente esclarecida, entretanto, alguns

com Nolasco,

Do ponto de vista social, o desempenho de um homem é continuamente avaliado até que se possa saber se ele é um homem de verdade. Obter méritos confere a ele a sensação de ter conseguido encontrar seu lugar no mundo. Um lugar que só existe se existem desafios para serem enfrentados. Sem desafios, muitos homens sentem-se sem lugar ou, ainda, sem saber como ocupá-lo. (NOLASCO, 2003, p. 30).

A busca pelo lugar no mundo, especialmente em se tratando do masculino, é contínua, e é nesta trajetória que a violência física insere-se no tipo de comportamento praticado pelo homem, como forma de deixar transparecer a sua virilidade. Portanto, “as sociedades contemporâneas também autorizam o sujeito a fazer uso da força física como forma de provar virilidade. Contudo elas o fazem dentro de uma relação sujeito/objeto, mas dentro de uma relação em que o objeto desapareceu”. (NOLASCO, 2003, p. 31).

Na escola, uma brincadeira conhecida como *Briga de Mentirinha*, ou *lutinha de meninos*, narrada por uma aluna de 15 anos, é uma expressão interessante de

tipologias de violências observados no âmbito do cotidiano escolar tendo como foco de observação a questão da masculinidade.

Os meninos da escola começam com umas brincadeiras de lutinha... Dão tapa e soco... Ficam passando rasteira uns nos outros. A maioria das meninas acha idiotice, mas eles gostam pq querem mostrar q são homens e aguentam a brincadeira... O vencedor fika se achando o fortão.⁶

O número de meninas com atitudes violentas no âmbito escolar também é crescente. Entre os vários casos que estão expostos na mídia, chamamos a atenção para uma tentativa de assassinato, ocorrido no dia 16 de agosto de 2013, dentro da Escola Estadual Belém da Câmara, localizada no bairro de Cidade da Esperança, na cidade de Natal. Segundo a reportagem, uma menina de 15 anos entrou nas dependências escolares armada e tentou matar a professora. No momento em que ocorreu a tentativa de assassinato, a jovem foi impedida por uma guarda patrimonial, entretanto, a arma disparou e atingiu o pé da própria aluna. Ao tomar “consciência” do ato que acabara de cometer, a jovem expressou arrependimento.

psicanalistas argumentaram que o problema poderia estar desde o perfil de paternidade sob o qual o autor do crime esteve inserido, perpassando pela representação do lugar (a Escola de Engenharia), assimilado como um reduto de masculinidade e, por este motivo, a presença de mulheres era inaceitável.

⁶ Ver a reportagem completa em: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/jovens-estao-tao-violentos-adolescentes-adolescencia-594427.shtml>. Acessado em: 12/02/2015.

Na delegacia, a aluna disse que está arrependida do que fez. Chorando, a adolescente relatou com detalhes o que aconteceu, explicou como conseguiu a arma e, por último, revelou que tem vontade de pedir perdão à professora. *“A vontade que eu tenho é de pedir, de joelhos, perdão a ela. Só que eu não sei se ela vai me perdoar. Ela não vai me perdoar pelo que eu fiz porque eu não pensei na família dela e não pensei na minha família”*⁷

Este último trecho, expressa a dificuldade que o jovem/discente tem em compreender a gravidade ou não de seus atos dentro do espaço escolar. Espaço este que, sem dúvida, é um espelho das relações sociais que o cerca e, por conseguinte, local de disputas, poder, violência, seja simbólica ou física e de cultura da violência. Os motivos, em geral fúteis, que levam a atitudes de violência revelam a necessidade de “desnaturalizar” a violência do imaginário da juventude, e este é, essencialmente, um dos grandes desafios da sociedade contemporânea.

Considerações finais

Neste artigo procuramos apresentar discussões preliminares sobre a temática da violência nos espaços escolares. No primeiro momento procuramos discutir o conceito de violência, com o intuito de compreender

algumas abordagens sobre a questão da violência e suas várias manifestações no cotidiano escolar. Exploramos o conceito de violência a partir de autores como Pierre Bourdieu (2001), chamando a atenção para a violência simbólica, ou seja, um tipo de violência que, em geral, é imperceptível tanto por quem comete, quanto por aquele é o alvo. A não percepção desta violência tende a naturalizar e, portanto, tornar impossível visualizar tais ações, como aponta Bordieu, especialmente em relação ao uso das palavras (que são legitimadas através daquele que as pronuncia). No caminho oposto a esta conceituação, Hannah Arendt (1994) afirmou que a violência não pode ser legitimada, mas sim o poder, pois é institucionalizado, por exemplo, através do voto.

Do ponto de vista filosófico, optamos por utilizar a argumentação de Marilena Chauí (1999), cuja violência está vinculada de acordo com os estudos que abordam aspectos físicos, psicológicos, legais, emocionais e, também, em contraposição ao estudo da ética. Seguindo esta linha de análise, Yves Michaud (1989), demonstrou a violência na condição de objeto empírico, pois encontra-se inscrito na realidade social e ecoa no senso-comum. Assim, para este autor, a concepção de violência observada em uma determinada sociedade, não necessariamente será fato em

⁷ Ver reportagem completa em [http://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-](http://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2013/10/morte-de-aluna-em-jose-da-penha-e-o-5-caso-de-violencia-em-escolas-do-rn.html)

[norte/noticia/2013/10/morte-de-aluna-em-jose-da-penha-e-o-5-caso-de-violencia-em-escolas-do-rn.html](http://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2013/10/morte-de-aluna-em-jose-da-penha-e-o-5-caso-de-violencia-em-escolas-do-rn.html) (Acessado em: 12/03/2015).

outra estrutura social, pois depende de participação simbólica e cultural para ser determinada.

No espaço escolar, os estudos que embasaram nosso artigo estão alicerçados em Charlot (2002) e Candau (2002), cujas análises abordam a temática levando em consideração as seguintes prerrogativas: a violência escolar está em consonância com a violência social; a violência escolar tem causas estruturais e culturais; e a própria escola produz violência.

Na segunda parte do artigo, analisamos três casos / relatos de violência cometidas por jovens / discentes, à luz das questões teóricas apresentadas na primeira parte e a questão da masculinidade, que aparece como um problema no âmbito escolar, justamente pela “cultura machista” que envolve a sociedade contemporânea. Outra questão a ser observada foi a dificuldade em captar na mídia falas (reportagens) dos jovens, o que pode revelar a dificuldade que os meios midiáticos possuem em “dar” voz a estes sujeitos.

Referências bibliográficas

- ARENDDT, H. Sobre a Violência. Relume-Dumará, Rio de Janeiro. 1994.
- ASSIS SAES, Silvia Faustino de. Percepção e Imaginação. São Paulo: Martins Fontes. 2010.
- AQUINO, Julio Groppa. A violência escolar e a crise da autoridade docente. Cadernos Cedes, Campinas, v. 19, n.47, p. 7-19, 1998. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?pid=s0101-32621998000400002&script=sci_arttext>
- Acesso em: 20 fev. 2015.
- BOURDIEU, P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- CANDAU, Vera Maria. Direitos humanos, violência e cotidiano escolar. In CANDAU, Vera M. (Org.). Reinventar a escola. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p.137-166.
- CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. Sociologias, Porto Alegre, n.8, p. 432-443, 2002.
- CHAUÍ, M. Uma Ideologia Perversa. Folha de São Paulo, São Paulo, Caderno Mais!, 1999, 14 de março.
- DADOUN, Roger. A violência: ensaio acerca do “homo violens”. Tradução Pilar F. de Carvalho e Carmen de C. Ferreira. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.
- FERREIRA, Maria de Fátima de Andrade. A banalização da violência na escola. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/ANAIS2013/pdf/10676_5790.pdf. Acessado em 20/12/2014.
- MAFFESOLI, Michel. A dinâmica da violência. Tradução Cristina M. V. França. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais/Edições Vértice, 1987.
- MICHAUD, Yves. A violência. Tradução Laymert G. dos Santos. São Paulo: Ática, 1989.
- NOLASCO, Sócrates. Marc Lépine: violência e masculinidade no contemporâneo. Interfaces Brasil/Canadá. Belo Horizonte, v. 1, n. 3, 2003, p. 29-43.
- SOUZA, Ana Izabel Jatobá de. & ERDMAN, Alacoque Lerenzini. Percepção – uma reflexão teórica a partir da filosofia de Maurice Merleau-Ponty. Revista Baiana de Enfermagem, Salvador, v. 18, n. 1 / 2, jan/ago 2003, p. 75-87.

Como citar: OLIVEIRA, Rosane Cristina de; GONÇALVES, Cleonilda Ribeiro. *Violência e cotidiano escolar: um estudo sobre a percepção da violência pelos discentes*. In: *Revista Digital Simonsen*. Rio de Janeiro, n.2, Mai. 2015. Disponível em: <www.simonsen.br/revistasimonsen>